

A HERÁLDICA – ONTEM E HOJE

Edison Mueller
(Blumenau, SC)

O brasão é um sistema de identificação visual, em princípio de caráter pessoal e hereditário, que utiliza símbolos segundo determinadas convenções, basicamente dispostos sobre uma superfície delimitada à feição dos escudos defensivos antigos. Compreende a criação, a descrição em termos adequados, a garantia à posse exclusiva e o uso desse tipo de insígnia. O estudo do Brasão, também chamado Armaria, incluía-se nos serviços de um funcionário dos senhores feudais antigos, encarregado também de determinadas cerimônias e da Genealogia das famílias nobres — o **arauto**, título do qual se deriva, pela sua forma alemã, “Herold”, a denominação popular dessa ciência/arte — a Heráldica.

Símbolos diversos foram usados desde tempos imemoriais para identificar, além de indivíduos e famílias, grupos políticos e unidades militares. Todavia, a Heráldica surgiu realmente — como sistema permanente, complexo e submetido a regras convencionais de insígnias legadas dentro das famílias — do desenvolvimento da aristocracia militar da Europa medieval.

A Heráldica emergiu portanto, no século XII, na Europa ocidental, como solução prática à necessidade de identificação militar. Nessa época, quando a cota de malha metálica foi gradualmente suplantada pela armadura de placas rígidas, também o capacete cônico, que deixava o rosto exposto, acabou sendo substituído lentamente por um elmo fechado, que tornava o guerreiro irreconhecível, mesmo para o grupo de seus seguidores, a “mesnada”.

Os senhores feudais começaram então a decorar os seus escudos defensivos com figuras e formas originais, simples, visíveis instantaneamente e memorizáveis com facilidade, em cores bem contrastantes. O único objetivo dessa ornamentação era estabelecer corretamente a identidade de quem portava o escudo, para prevenir engano de identificação. Pelo mesmo motivo, o guerreiro também passou a exibir a sua insígnia pessoal em flâmula atada à própria lança e na túnica de pano, a “cota d’armas”, usada por cima da armadura, como proteção aos rigores do tempo. Igualmente a capa protetora do seu cavalo de batalha, o “xai-rel”, ostentava a mesma insígnia ornamental.

A rápida difusão desse engenhoso e prático sistema de identificação, o **brasão**, e o aparecimento inicial de símbolos convencionais e regras para seu uso deveram-se principalmente às Cruzadas, às justas e aos torneios, porque foi sobretudo nessas ocasiões que os senhores feudais

juntos guerreavam os infieis ou participavam de combates simulados, nas festas populares normalmente organizadas pelos arautos.

A capacidade para identificar uma pessoa por seus emblemas heráldicos logo tornava-se comum, por isso, tanto ao soldado como a todas as classes da população. Em consequência disso, o uso de tais signos não demorou em estender-se a funções não-bélicas ou militares. À época das Cruzadas e mesmo nos tempos subseqüentes, o homem normal geralmente era analfabeto e, portanto, incapaz de identificar uma assinatura; podia reconhecer facilmente, porém, um emblema heráldico. Disseminou-se por isso o uso de brasões, gravados nos selos usados para identificar cartas e outros documentos, reproduzidos em tapeçarias e nas vestes, aplicados a utensílios e objetos pessoais, esculpidos na fachada e no interior de castelos e igrejas ou nas lápides sepulcrais.

O **brasão** tornou-se assim não só um modo de identificação mas também, em face de seu vínculo com a aristocracia militar proprietária de terras (que incluía os ricos-homens e simples cavaleiros), um sinal de posição social superior. Em consequência, outras pessoas em cargos de autoridade, como os prelados, que não pertenciam necessariamente à nobreza e comumente não exerciam atividade militar, começaram a usar insígnias heráldicas — por conveniência e prestígio. Brasões foram também adotados mais tarde por pessoas não integrantes da Nobreza ou da classe militar, como os riscos burgueses patrícios, na Itália; a burguesia, na França; os proprietários fundiários rurais na Suíça, Áustria e Alemanha; e, nos séculos XVI e XVII, os abastados comerciantes da Inglaterra etc. Igualmente passaram a usar brasões as “guildas” e outras corporações profissionais, as universidades, as sedes episcopais, as cidades, os municípios, os Estados nacionais, as empresas governamentais e privadas — e outros.

Depois de popularizar-se na Europa, a adoção e o uso de brasões divulgaram-se também por outros continentes (América e África, principalmente), por influência dos sucessivos movimentos de colonização e imigração iniciados no Velho Mundo.

Mas, após o fulgurante esplendor da Heráldica nos séculos XIV e XV, ocorreu simultaneamente o desastroso triunfo da iluminura sobre a ingênua e característica simplicidade de desenho e de colorido do primitivo brasão. Seguiram-se séculos de profunda decadência no estudo e no uso das insígnias heraldicamente ordenadas. Apenas no decurso da segunda metade da última centuária dão-se, na Europa, graças a uma plêiade de idôneos heraldistas e pacientes pesquisadores, os passos decisivos do renascimento da Armaria como Ciência, como Técnica e como Arte.

Nas democracias industriais do século XX o Brasão evidentemente não possui mais a significação legal ou social dos tempos antigos.

E nas repúblicas, como no Brasil, onde não há Nobreza oficial, a Heráldica infelizmente ainda desperta pouco interesse. É considerada apenas “uma ciência auxiliar da História”, definição essa que, entretanto, está muito aquém do seu verdadeiro o legítimo significado.

Ao observador atento e possuidor de noções do Brasão se revela — e de forma maravilhosa — quão marcante é, na vida moderna, apesar de inapercebida pelo leigo no assunto, a presença das longevas figuras heráldicas e do espírito dessa extraordinária Arte — na pintura, na escultura, na publicidade, na arquitetura, nos selos postais, nas capas de discos, em livros e revistas, nas placas de sinalização de trânsito, nas insígnias dos clubes, nas marcas comerciais, nos veículos de transporte, nos trajes militares, nas roupas de esporte, nas condecorações governamentais, na moeda circulante, nos rótulos das garrafas de vinho e nas mercadorias expostas em supermercados, até no invólucro de um simples picolé !

Ao longo dos séculos modificou-se, portanto, o significado social e legal do brasão. Não se reduziu nem se apequenou, porém, o intrínseco e alto valor da Armaria como Ciência, como Técnica e como Arte.

Por conseguinte, a Heráldica deveria ser estudada com seriedade não só nos cursos de História, mas integrar obrigatoriamente também os cursos universitários de Artes Plásticas, Belas-Artes e Educação Artística, à vista do uso intenso de símbolos heraldicamente ordenados, nos tempos modernos, em todo o mundo, e de sua irrefutável presença e enorme influência na nossa vida cotidiana.

*